

## Edgard Roquette-Pinto, o homem à frente do seu tempo<sup>1</sup>

Hariane Jackeline Rodrigues SILVA<sup>2</sup>  
Denize Daudt BANDEIRA<sup>3</sup>  
Faculdade Sul-Americana, Goiânia, GO

### RESUMO

O Brasil teria sua primeira demonstração pública de radiodifusão sonora em 1922. O evento ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, durante as comemorações do Centenário da Independência. O público presente a inauguração escutou as transmissões por meio dos alto falantes. A demonstração - promovida pelo capital norte americano -, despertou interesse de Edgard Roquette-Pinto. O professor, como gostava de ser chamado, é responsável pela fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, considerada a primeira emissora oficial a transmitir de forma regular no Brasil. O objetivo do presente trabalho é resgatar a história do antropólogo, um dos principais personagens do veículo no país.

**PALAVRAS-CHAVE:** rádio; Roquette-Pinto; educação; Brasil; história.

### INTRODUÇÃO

Edgard Roquette-Pinto, o homem à frente do seu tempo relata a trajetória de um brasileiro que enxergou no rádio a possibilidade de democratizar a educação e a cultura no Brasil. O ideal do “Pai do Rádio Brasileiro”, como ficou conhecido, justifica a escolha do tema como objeto do presente artigo, resultado de Trabalho de Conclusão de Curso, cuja proposta foi a produção de um documentário radiofônico.

Nas primeiras duas décadas do século 20, dissemina-se a ideia do rádio como veículo de comunicação de massa. A novidade chama a atenção do cientista e professor Edgard Roquette-Pinto, o entusiasta do novo veículo de comunicação no país colocava o Brasil na era do rádio e defendia o caráter do novo veículo como ferramenta de propagação da cultura e do progresso do país.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 05 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação Recém Formada do Curso de Jornalismo da FASAM, email: [hariane.rodriques@hotmail.com](mailto:hariane.rodriques@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FASAM, email: [denizedaudt@gmail.com](mailto:denizedaudt@gmail.com)

Veículo que, apesar de ter sua “Era de Ouro” entre os anos 1940 e 1950, ainda é um dos principais meios de comunicação do Brasil. Para se ter ideia de sua importância e alcance, o país ocupa o segundo lugar em número de emissoras no mundo. O presente artigo explora a trajetória de Edgard Roquette-Pinto por meio de fontes documentais e entrevistas com importantes pesquisadores da área da comunicação, material que enriqueceu o projeto.

## **HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL**

Foi no dia 7 de setembro de 1922 que o Brasil teria sua primeira demonstração pública de radiodifusão sonora. O evento ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, durante as comemorações do Centenário da Independência. No mesmo evento, a *Western Electric*, com sede nos Estados Unidos, colocava no seu estande dois transmissores de 500 *watts* cada. O público presente a inauguração escutou as transmissões por meio dos alto falantes. Foram distribuídos 80 receptores às autoridades civis e militantes, assim, o som das emissões foi captado em diversos pontos da cidade.

A demonstração - promovida pelo capital norte americano -, despertou interesse do cientista Edgard Roquette-Pinto, que mais tarde receberia o título de Pai do Rádio Brasileiro. O professor fundou, com colegas da Academia Brasileira de Ciências, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que entraria para a história como a primeira emissora oficial a transmitir de forma regular no Brasil. O país, no entanto, já contava à época com a Rádio Clube de Pernambuco, que começou a operar em 1919.

Os anos 1930 marcam o surgimento de emissoras em diversos estados brasileiros. O veículo já estava presente na Bahia, no Ceará, no Maranhão, em Minas Gerais, no Pará, no Paraná, em Pernambuco, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em São Paulo. A publicidade é regulamentada em 1932, dando início a uma nova fase na história da radiodifusão sonora no país.

Com a Revolução de 1930, o novo presidente, Getúlio Vargas, incentiva o crescimento industrial como saída para os problemas econômicos do país. Nascia então um Brasil mais urbano e moderno. O rádio, nesse período, começou a se estruturar, não mais como novidade, mas se constituindo em um veículo de comunicação que, ao buscar lucro, voltava-se para a obtenção constante de anunciantes e de público. Ferraretto (2001) destaca que:

Em 1º de março, o governo revolucionário organiza a veiculação da publicidade pelas emissoras com o Decreto nº 21.111, regulamentando outro decreto, o de nº 20.047 de maio do ano anterior, que definia o papel do governo federal na radiodifusão sonora. Com a possibilidade dos comerciais ocuparem 10% das transmissões, são captados os recursos que, lucro a parte, podem ser reinvestidos em uma programação para garantir a audiência responsável, em um ciclo se possível interminável do ponto de vista do capitalista, pela atração dos anunciantes. (FERRARETTO, 2001, p. 102).

Em julho do mesmo ano irrompe a Revolução Constitucionalista. Nesse novo contexto político, o veículo passa a adquirir importância estratégica. No final dos anos 1930, Henrique Foreis Domingues, o Almirante, mesclando música e texto, começa a preparar o rádio brasileiro dos anos 1940. O roteiro passa a ser a base da programação. Era necessário ensaio para que na hora da transmissão ao vivo as locuções e os números musicais se harmonizassem.

Entre os anos 1940 e 1955 o rádio entra em sua “Era de Ouro”. Na programação, voltada para o entretenimento, passa a ser destaque os programas de auditório, as radionovelas, os programas de calouro e os noticiários, tendo como principal destaque o Repórter Esso. A cobertura esportiva também conquista seu espaço. O radiojornalismo ganha força à medida que o país se envolve na Segunda Guerra Mundial. O veículo adquire audiência massiva<sup>4</sup>, tornando-se a primeira expressão das indústrias culturais<sup>5</sup> no Brasil.

## **EDGARD ROQUETTE-PINTO**

Edgard Roquette-Pinto possuía vários títulos: médico, etnólogo, antropólogo, compositor, escritor e cientista. No entanto, sempre deixou claro que gostava de ser chamado de professor. “Encantava no homem, de início, a simplicidade no trato e a humildade de quem era, sem dúvida, um dos maiores vultos do país”. (TAVARES, 1999, p.1).

---

<sup>4</sup> O nascimento do rádio como espetáculo massivo, se teve com a regulamentação da publicidade, pois o rádio começa atingir toda a população, inclusive os analfabetos. (FERRARETTO, 2001, p.104)

<sup>5</sup> Temas, símbolos e formatos são obtidos a partir de mecanismos de repetição e produção em massa, que tornam a arte adequada para produção e consumo em larga escala. Assim, a mídia padroniza a arte como faria a um produto industrial qualquer. O indivíduo consome os produtos de mídia passivamente. O esforço de refletir e pensar sobre a obra é dispensado: a obra “pensaria” pelo indivíduo. (WOLF, 1995, p. 84)

Roquette-Pinto, como ficaria conhecido, é considerado o pioneiro do rádio no Brasil. De acordo com Ferraretto (2006, p. 2), desde a década de 1920, o antropólogo, que será retratado a partir deste ponto do trabalho, lutou para que as tecnologias, como a radiodifusão e o cinema, fossem utilizadas em processos educativos no país.

O professor e pesquisador na área da Comunicação Social, com obras publicadas sobre o rádio no Brasil, Luiz Artur Ferraretto (2015), em entrevista concedida ao presente projeto, afirma que o cientista colaborou na consolidação de uma sociedade melhor.

Edgard Roquette-Pinto é um dos principais intelectuais cariocas do início dos anos 1920, entrando para a história como principal divulgador do rádio desse período. Um entusiasta do rádio, das possibilidades educativas e culturais do veículo, de suas possibilidades de inclusão social e de seu uso como ferramenta de ensino a distância. (Luiz Artur Ferraretto).

Ainda conforme Ferraretto, que é doutor em Comunicação e Informação, (2015):

Roquette-Pinto pode ser considerado um colaborador na consolidação do veículo no Brasil, sem intenção de obter fama, apenas visionário de uma sociedade melhor. Por isso, dá para afirmar que ele é de fato o Pai do Rádio Brasileiro, no sentido de um rádio que é pensado para fazer com que as pessoas, depois da escuta, fiquem numa posição até social melhor do que estavam antes. (Luiz Artur Ferraretto).

Sonia Virgínia Moreira (2015), também professora, pesquisadora e escritora na área da Comunicação Social, em entrevista concedida ao trabalho, ressalta que Edgard Roquette-Pinto dá início a história do rádio brasileiro, destacando aqui a forma com que o fato aconteceu.

Roquette-Pinto tem contato com o rádio, ou melhor, com a possibilidade do áudio de gravação sonora em sua viagem na expedição do Marechal Candido Mariano Rondon à Serra do Norte, hoje Rondônia. Foi lá que o cientista vislumbrou a dimensão do Brasil, isso na década de 1910, há mais de um século. Ficou na memória de Roquette-Pinto a necessidade de um meio de comunicação que pudesse ser utilizado ‘Pela educação e pela cultura dos que vivem em nosso país’. Lema que ganhou forma na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. (Sonia Virgínia Moreira).

A doutora em Ciências da Comunicação afirma ainda que Edgard Roquette-Pinto:

[...] desde cedo na sua carreira interessou-se em trabalhar com as possibilidades de divulgação científica a partir de ações educativas. Defendia a difusão do conhecimento para um número crescente de indivíduos em todos os cantos do Brasil, missão difícil no início do século XX. (MOREIRA, 2002, p. 2).

O também professor, pesquisador e escritor na área da Comunicação Social, o doutor Eduardo Meditsch (2015), em entrevista ao presente projeto, comenta ainda a importância de Edgard Roquette-Pinto para o rádio brasileiro.

Roquette-Pinto não só teve o papel histórico de ter fundado a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que oficialmente é considerada a primeira emissora regular do Brasil, como lançou bases teóricas para o papel do veículo no país, principalmente no que se refere ao seu uso educativo e cultural, que, infelizmente, hoje é muito pouco seguida. (Eduardo Meditsch).

### **Edgar Roquette-Pinto: o antropólogo, o médico e o cientista**

Nascido em 25 de Setembro de 1884, na rua Voluntários da Pátria, no bairro de Botafogo, no estado do Rio de Janeiro, Edgard Roquette-Pinto é filho de Manuel Menélio Pinto, da tradicional família dos Vieira de Mello, e Josefina Roquette Carneiro de Mendonça, da família de velha cepa mineira de Paracatu, ligada aos Mello Franco.

O futuro professor e “Pai do rádio Brasileiro” foi criado numa fazenda próxima de Juiz de Fora, pertencente ao seu avô materno, João Roquette Carneiro de Mendonça. Segundo Castro (2004), o pouco contato com a família paterna, o levou a alterar seu nome de registro, Edgard Roquette Carneiro de Mendonça Pinto Vieira de Mello, passando a se chamar Edgard Roquette-Pinto.

O futuro antropólogo concluiu no ano de 1900 o curso de Humanidades do Externato Aquino, uma instituição de ensino modular<sup>6</sup>. Com a finalização do curso, decide fazer

---

<sup>6</sup> O Sistema Modular de Ensino caracteriza-se, sobretudo, pela concentração das atividades inerentes a cada matéria da grade curricular durante seis horas por dia e por variável número de dias, de acordo com as cargas horárias previstas para cada campo disciplinar. Diferente do Ensino Regular que trabalha todas as disciplinas simultaneamente, no Sistema Modular Ensino Intensivo e Excludente (SME) cada disciplina é trabalhada de forma individual (uma por vez), por um período de tempo que atende às exigências de sua carga horária anual. (ANDRADE, 2008, p.2)

concurso de admissão para a Escola Naval da Marinha do Brasil. “Tornar-se marinheiro era, àquela altura de sua vida, um sonho instigante. Vivia imaginando-se em alto mar”. (RANGEL, 2010, p. 24).

Rangel (2010) registra que em uma viagem de trem, para atender uma prima que estava “adoentada”, Edgard Roquette-Pinto, por recomendação de sua própria família, convida Francisco de Castro para acompanhá-lo. O médico era amigo de seu avô, João Roquette. Encontro que marcaria para sempre o seu destino. “A conversa com o médico ajudou Edgar Roquette-Pinto a descobrir o interesse latente que nutria pela área das ciências biológicas. Acabou ingressando na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”. (RANGEL, 2010, p. 25).

Na Faculdade de Medicina, Edgard Roquette-Pinto teve a oportunidade de ter uma ampla formação profissional. Ao longo de todo o curso, o futuro cientista teve aulas com os mais renomados professores do país à época.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o convívio profissional com a medicina fez com que Roquette-Pinto incorporasse as dinâmicas da prática médica e soubesse transitar pelos domínios da competência discursiva da área. Foi interno da segunda cadeira de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sob a chefia do professor doutor João da Costa Lima de Castro, especializando-se em obstetrícia. (RANGEL, 2010, p. 26).

Edgard Roquette-Pinto se formou pela Faculdade de Medicina em 1905. No mesmo ano, de acordo com Rangel (2010), prestou concurso, sendo aprovado para o cargo de professor assistente da 4<sup>o</sup> Seção de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A tese de doutoramento de Roquette-Pinto, em sua primeira parte, constituía-se em estudo sobre a prática da medicina entre os aborígenes do continente americano, ressaltando alguns aspectos relevantes do cotidiano de sua vida, como o casamento, o sacerdócio, a habitação, a chefia, a pesca, a caça. Os rituais de magia, a pajelança e as relações das tribos com a doença e com a cura. Na segunda parte da tese, a síntese filosófica, mostrou seu interesse pelo positivismo de Comte. Na visão do médico recém-formado, o grau de cultura desses povos era, essencialmente, rudimentar. Eram fetichistas e patriarcais. (RANGEL, 2010, p. 28).

Essa experiência acabou colaborando na sua formação para o exercício da antropologia e da etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Edgard Roquette-Pinto atuou também como médico do Banco da Santa Casa de Misericórdia e como médico-legista da polícia do Rio de Janeiro. E foi no Museu Nacional que o antropólogo construiu sua carreira científica, afirma Rangel. (2010, p.33).

Elaborou trabalhos de pesquisa antropológica e etnográfica, participando de congressos nacionais e internacionais. O primeiro desses trabalhos foi realizado em 1906, entre setembro e dezembro, percorrendo o litoral do Rio Grande do Sul com a finalidade de estudar os sambaquis daquela região. Foi seu primeiro trabalho etnográfico como antropólogo do Museu Nacional do Rio de Janeiro. (RANGEL, 2010, p. 38).

Edgard Roquette-Pinto se casou com Riza Baptista em 1908. Filha do médico Henrique Baptista, de quem era amigo. Da união nasceram Paulo e Maria Beatriz. Três anos depois, o antropólogo participou como delegado do Brasil no 1º Congresso Internacional de Raças, realizado em Londres, em 1911. Lá, como registra Rangel (2010), apresentou um trabalho de pesquisa intitulado: “Nota sobre Índios Nhambiquaras do Brasil Central”.

Após o congresso, Roquette-Pinto permaneceu por mais quatro meses na Europa, estudando com cientistas renomados como o fisiologista Charles Robert Richet, o zoólogo e parasitólogo Alexandre Joseph E. Brumpt, os fisiologistas Luschan, Tuffier e Perrier. (RANGEL, 2010, p.41).

De acordo com Castro (2004), o ano de 1912 foi marcante na carreira do novo médico. O trabalho no Museu Nacional do Rio de Janeiro põe o cientista em contato com o tenente-coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. Castro (2004) destaca a importância da expedição liderada na Serra do Norte, entre os rios Juruena e Madeira, durante quatro meses pelo militar, trabalho acompanhado por Edgar Roquette-Pinto.

Roquette trouxe em sua bagagem diversos fonogramas. ‘Eram cilindros que, predecessores das fitas gravadas de hoje, permitiam o registro de melodias indígenas. Assim, Roquette Pinto impediu que muitas músicas dos índios brasileiros seguissem o caminho de tantas outras que, mantidas apenas pela tradição oral, perderam-se nos tempos [...]’. (CALMON apud MOREIRA, 2002, p. 2).

“Muito à frente do seu tempo” é como Ferraretto (2015) define, em entrevista ao trabalho, o Pai do Rádio Brasileiro, “para quem o Brasil não é um país branco, nem negro, nem um país índio, é um país miscigenado, onde deve-se respeitar as diferenças culturais. É um país em que as pessoas têm o dever de ensinar com humildade os que não sabem e difundir conhecimento acima de tudo”. (FERRARETTO, 2015).

Roquette-Pinto era ‘o cara’ que em uma época em que os nazistas marchavam usando eugenia como racismo, ele, como antropólogo, estudou eugenia, defendendo que no Brasil estava surgindo um novo tipo humano, o brasileiro, mistura do índio, do negro e do branco. E que via isso como uma coisa positiva, o que o coloca séculos à frente de uns contemporâneos nossos, que não conseguem ver como positiva nem as cotas raciais. (Luiz Artur Ferraretto).

Edgard Roquette-Pinto defendia a valorização do ensino, ressalta Ferraretto (2015), que destaca a seguinte frase do educador: “Ensinem o que sabem aos que não sabem”.

Acredito que se a gente pensasse de forma humilde sobre essa frase, mudaríamos a cara do país, onde as vezes se investe muito em ensino superior, esquecendo o ensino fundamental e médio. É preciso pensar no coletivo, assim como fazia Roquette-Pinto. (Luiz Artur Ferraretto).

As experiências vividas por Edgard Roquette-Pinto com as tribos indígenas resultaram no livro Rondônia. Moreira (2002, p.2) afirma que “a primeira edição, de 1917, rapidamente transformou-se em um clássico entre os títulos publicados no período”. Castro (2004), no entanto, destaca que essa inquietação do médico foi um dos motivos de sua separação de Riza, sua esposa, e dos filhos, Paulo e Beatriz.

Após a separação, Riza se casou com um oficial da Marinha, ao passo que, conforme relata o próprio Castro (2004), Edgar Roquette-Pinto se tornaria “o melhor partido do Rio de Janeiro”. Do relacionamento com uma de suas ex-alunas, Noemia Alvares Salles, o antropólogo teve sua terceira filha, Carmem Lúcia. No entanto, Edgar Roquette-Pinto não se casaria novamente.



## Roquette-Pinto e o Rádio

O início dos anos 1920 traria outra novidade à vida de Edgard Roquette-Pinto. O período marca a chegada do rádio ao Brasil. O professor percebeu o potencial do novo veículo na divulgação da cultura e no desenvolvimento educativo. Segundo Ferraretto (2006, p.4), para colocar a ideia em prática, o antropólogo solicitou ao governo o empréstimo dos transmissores da Praia Vermelha, para utilização de uma hora por dia.

O Brasil entrou na era do rádio no dia 1º de maio de 1923, por iniciativa de Edgard Roquette-Pinto, quando começam as irradiações da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada no dia 20 de abril do mesmo ano.

[...] o primeiro movimento da longa trajetória do veículo em território brasileiro com uma programação marcada por conferências literárias, artísticas e científicas, números infantis, poesia, música vocal e instrumental, além de umas poucas notícias de interesse geral. Tal perspectiva cristaliza-se na frase de Roquette-Pinto, logo adotada como slogan pela emissora: ‘Pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil’. (ROQUETTE apud FERRARETTO, 2006, p.4).

Meditsch (2015) lembra que as ideias de Edgard Roquette-Pinto foram desprezadas em função da exploração do veículo.

Seja comercial, religiosa ou política, com um grande número de emissoras distribuídas para deputados, senadores e seus familiares, igrejas e empresas que procuram lucro mais fácil, sem procurar dar uma contra partida à população, que se daria no uso do rádio como disseminador da cultura e da educação. (Eduardo Meditsch).

Edgard Roquette-Pinto, destaca Meditsch (2015), “propõe um rádio educativo, dentro de um contexto do rádio europeu, modelo que inspirou os intelectuais brasileiros”. “Roquette-Pinto propunha uma possibilidade de uso do rádio que as mídias impressas não alcançavam, devido ao grande número de analfabetos no Brasil”, ressalta ainda Meditsch (2015).

Em 1934, mais precisamente em 6 de janeiro, Edgard Roquette-Pinto e Anísio Teixeira instalam a Rádio Escola Municipal, que já transmitia em caráter experimental desde o dia 31 de dezembro de 1933. Sonia Virgínia Moreira (2015) afirma que o rádio

desempenhou um papel muito importante no país, já que, além das transmissões educativas, efetivava-se a rádio escola.

Aqui no Rio de Janeiro tinha uma rádio escola que se chamava Rádio Escola do Distrito Federal, que tinha uma influência muito grande de Anísio Teixeira, que por sua vez, foi um nome essencial para a formação ou para a definição de novos conteúdos, movimento que ficou conhecido como nova escola Anísio Teixeira. Então, o rádio funcionava com conteúdo educativo, mas também tinha uma coisa diferente que era a rádio escola, que efetivamente tinha professor que dava aula. Eles faziam provas, avaliações. Naquele momento foi muito importante que o rádio tivesse esse processo educativo, porque era o que o país precisava. (Sonia Virgínia Moreira).

Para atingir seus propósitos, as irradiações assumem a forma de aulas, seguindo o currículo da escola primária. Beatriz Roquette-Pinto, Ilka Labarte, Israel Pinheiro e A. Diniz revezavam-se ao microfone, ensinando os conteúdos, como lembra Ferraretto (2006, p.6).

Com tais características, a Rádio Escola Municipal, levada a cabo por Edgard Roquette-Pinto e Anísio Teixeira, constitui-se no empreendimento pioneiro em termos de ensino a distância no país. Trata-se, na época, como quer seu criador, do ‘início do começo’ de um processo emancipador em termos de instrução popular, a complementar o caráter educativo, mas, por vezes, transitando pelo entretenimento, de uma emissora como a Rádio Sociedade. (ROQUETTE apud FERRARRETTO, 2006, p.6).

O governo regulamentou a publicidade no rádio brasileiro em 1932, e, até o final da década, tudo o que era “Rádio Clube” ou “Rádio Sociedade”, se transformou em empresa. A proposta inicial da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro fica sem espaço. Na tentativa de manter o caráter educativo-cultural da emissora e afastar o fantasma da exploração apenas comercial, Edgard Roquette-Pinto, em julho de 1936, convocou seus filhos, Paulo, então com 27 anos, e Beatriz, com 25, à Rua da Carioca.

O Pai do Rádio Brasileiro queria informar que, aos 52 anos de idade, era um homem pobre, e que a única herança que possuía era a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, - de acordo com Castro (2004), só o prefixo, já então PRA-2, valia uma fortuna, - e que gostaria de deixá-la aos cuidados do Ministério da Educação e Saúde. “A única saída”, segundo ele, de garantir a autonomia da emissora, preservando seus primeiros ideais.

Ciente desta nova realidade, resta a doação, efetivada em 7 de setembro de 1936, da emissora ao Ministério da Educação e da Saúde Pública, graças também à amizade de Roquette-Pinto com Gustavo Capanema, titular da pasta. Rebatizada de Rádio MEC, a estação dá origem, deste modo, ao sistema de radiodifusão educativa, mantendo seu objetivo inicial. (FERRARRETTO, 2006, p. 5).

Sonia Virgínia Moreira (2015) destaca que a Rádio MEC se consolidará como uma emissora importante naquele momento. “Ela tinha uma característica que a diferenciava das demais, pois é quando se tem um rádio comercial extremamente forte e em pleno desenvolvimento”. (MOREIRA, 2015). A pesquisadora, que faz uma crítica a atual situação da emissora, lembra os seus tempos áureos.

Fico imaginando como Roquette-Pinto reagiria à forma como se encontra a emissora. Ela tinha uma sede própria, no Centro do Rio, no Campo de Santana, os estúdios eram muito legais, o prédio era Art Déco, com estúdio sinfônico para gravação, acústica impecável. Isso eu vi e vivi várias vezes, além de ter um acervo riquíssimo com a memória do rádio. (Sonia Virgínia Moreira.)

O professor Eduardo Meditsch (2015), ao lembrar também da transição da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro para Rádio MEC, comenta sua atual situação.

Ao ser doada ao Ministério da Educação com o objetivo de preservação de sua finalidade inicial, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro se transformou na Rádio MEC, que atualmente vive uma das maiores crises da sua história, justamente porque a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), que é uma empresa estatal, não está cumprindo suas finalidades em relação à manutenção de suas emissoras de rádio. (Eduardo Meditsch).

“A partir da década de 1960, com a competição da televisão, o conteúdo educativo do rádio se perdeu, a não ser na emissora que sempre se caracterizou por isso, a Rádio MEC”, completa Sonia Virgínia Moreira (2015). A pesquisadora lembra que:

[...] a primeira fala na rádio foi a do professor Edgard Sussekind. Os estúdios estavam localizados em espaço no centro da cidade, na sala 802 do Edifício Carioca. ‘Toda a montagem da emissora não custou, na época, mais de 60 contos de réis. Embora tendo início tão modesto, a PRD-5 dedicou-se desde logo à execução da obra traçada por seu fundador, pioneiro na

radiofonia brasileira e entusiasta do papel do rádio em favor da divulgação cultural'. (MOREIRA, 2002, p. 4).

Em 1936, com aprovação do então Presidente da República Getúlio Vargas, é criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo.

A instalação do INCE em meados da década de 1930 foi precedida de algumas ações. Da parte do Executivo, o primeiro movimento aconteceu em 1932, quando o Governo Provisório instituiu decreto assinado por Getúlio Vargas, Francisco Campos e Oswaldo Aranha. O texto legal determinava as regras e as condições de existência para o cinema educativo no país ao tratar da nacionalização do serviço de censura dos filmes cinematográficos e criar uma Taxa Cinematográfica para a Educação Popular. (MOREIRA, 2002, p. 8).

Edgard Roquette-Pinto fora nomeado pelo então presidente da república Getúlio Vargas em cargos como o de diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo do Ministério de Educação e Saúde, ambos em 1937. Sonia Virgínia Moreira (2015) relata que a nomeação para o cargo se dá após a doação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação. “É dessa época o convívio de Roquette-Pinto com Vila Lobos, o que renderá muitas parcerias.” (MOREIRA, 2015).

Conforme Castro (2004), em 1938, o Pai do Rádio Brasileiro assumiu também o cargo de membro do Conselho Consultivo do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1940, Roquette-Pinto foi nomeado, também por Getúlio Vargas, para representar o Brasil como delegado no 1º Congresso Internacional Indianistas, realizado em Patzcuaro, na cidade do México. Sendo nomeado ainda delegado do país no 8º Congresso Científico Americano. Pela Companhia da Editora Nacional publica “Ensaio Brasileiro”, que integra a Coleção Brasileira, como registra Castro (2004).

Edgard Roquette-Pinto foi fundador do Partido Socialista Brasileiro. Em 4 de julho de 1935 o professor escreveu sua Profissão de Fé, a melhor forma de descrevermos a sua figura, segundo Tavares (1999).

- Creio que o homem e a natureza são exclusivamente governados por leis imutáveis, superiores a quaisquer vontades;
- Creio que a ciência, integrando o homem no universo, criou em sua mentalidade ao mesmo tempo uma infinita modéstia e uma sublime

simpatia para com todos os seres;

– Creio que a ciência, mostrando ao homem como o ódio e o amor são condicionados pelas reações do seu cérebro, deu-lhe a posse de si mesmo, permitindo que ele se transforme e se aperfeiçoe à custa das duas próprias forças;

– Creio que, ao lado das grandes forças egoístas que vivem no coração dos homens, jazem ali tesouros imensos de altruísmo e fraternidade que a vida em comum há de fazer desabrochar cada vez mais;

– Creio que a ordem material deve ser mantida, mormente no interesse das mulheres, que são a melhor parte de todas as Pátrias, e das crianças, que são Pátria do futuro;

– Creio que no estado de inquietação do Mundo Moderno só há um meio de manter a ordem material: é garantir a mais ampla, absoluta e definitiva liberdade espiritual;

– Creio cegamente no postulado de Fritz Müller: o pensamento deve ser livre como a respiração.” (TAVARES, 1999, p. 6)

Edgar Roquette-Pinto era um homem incansável. Mesmo debilitado, continuava escrevendo. O professor sofria de espondilose, um processo degenerativo da espinha vertebral. No ano de 1942, já em estágio adiantado da doença, publicou três artigos pela revista *Resenha Médica*. Em 1944, pela *Revista da Academia Brasileira de Letras*, publica: “O cinema educativo no Brasil”. Ano em que também recebe da Rádio Nacional do Rio de Janeiro o título de Pai do Rádio Brasileiro, como é conhecido até hoje. Sonia Virgínia Moreira (2015) comenta o título.

Creio que Roquette-Pinto viu com esse título o reconhecimento de seu trabalho, e talvez não só o reconhecimento, mas a importância das pessoas, do cidadão ou da pessoa comum saber que teve alguém que foi ali, que se interessou pelo rádio. Ele pediu que uma das antenas dos equipamentos da transmissão fosse doado a ele, para construir aquela que foi a nossa primeira emissora regular. (Sonia Virgínia Moreira).

Aos poucos, a doença foi deformando o corpo de Edgard Roquette-Pinto, que ficou curvado para frente, problema que o impedia de gestos pequenos como o de virar o pescoço. Para esse simples movimento, precisava virar todo o tronco. O Pai do Rádio Brasileiro morreu aos 70 anos, no dia 18 de outubro de 1954, no Edifício São Miguel, na Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, em seu apartamento, trabalhando, ensinando, produzindo, educando. A morte o surpreendeu quando escrevia o artigo “Aquele que conhece, aquele que cria, aquele que ama...” para a coluna *Notas e Opiniões*, do *Jornal do Brasil*, Edgard Roquette-Pinto foi vítima de um derrame.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Edgard Roquette-Pinto iniciou a história do rádio brasileiro ao perceber o potencial do veículo na propagação da educação e da cultura. Um entusiasta que lutou pelas possibilidades desse novo veículo de comunicação em uma época em que poucos eram “letrados” no Brasil.

Resgatar a memória de um dos principais defensores da radiodifusão educativa no país é fundamental para a preservação de seu legado. Edgard Roquette-Pinto, ao valorizar a cultura e a educação como fator primordial do povo brasileiro, se coloca não apenas como um personagem da história do rádio, mas como um brasileiro que acreditou no progresso do país e de seu povo.

Roquette-Pinto contribuiu também para a constituição de novos campos das ciências sociais no Brasil, como a antropologia e o cinema educacional. Ele acreditava que o problema nacional não era o da inferioridade de raças, mas sim o de educar para civilizar. Um intelectual educador multidisciplinar a favor da construção da brasilidade. Preservar o seu legado é fundamental ainda no entendimento e na reflexão da própria natureza do veículo rádio e de seu papel no país.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **A língua radiofônica.** In MEDITSCH, E. **Teorias do Rádio:** Textos e Contextos. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.

BALSEBRE, A. **A linguagem radiofônica.** In MEDITSCH, E. **Teorias do Rádio:** Textos e Contextos. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos:** os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

CASTRO, R. C. **Roquette-Pinto:** O Homem Multidão, 2004. Disponível em <http://www.soarmec.com.br/ouvinte/roquette.html>. Acesso em 12 de agosto de 2015.

CHANTLER, P.; HARRIS, S. **Radiojornalismo.** São Paulo: Summus, 1998.

FERRARETTO, L. A. **Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio: ainda estamos no início do começo**, 2006. Disponível em <<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0124-1.pdf>>. Acesso em 17 de maio de 2015.

\_\_\_\_\_. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2.ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do Rádio: Textos e contextos**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSCH, E. ZUCULOTO, V. (Org.). **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2008

MOREIRA, S. V. **Roquette Pinto, empreendedor de mídia educativa**, 2002. Disponível em <<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/41774187861945551592343733708390513634.pdf>>. Acesso em 15 de setembro de 2015.

RANGEL, J. A. **Edgard Roquette-Pinto**, 2010. Disponível em <<<http://www.faculdadesjt.com.br/tecnico/gestao/arquivosportal/Edgard%20Roquette%20Pinto.pdf>>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

TAVARES, R. **Histórias que o Rádio não contou**. São Paulo: Harbra, 1999.

## Entrevistas

FERRARETTO, Luiz Artur. Professor, doutor em Comunicação e Informação, pesquisador e escritor. Entrevista concedida em março de 2015.

MEDITSCH, Eduardo. Professor, doutor em Ciências da Comunicação, escritor e pesquisador. Entrevista concedida em março de 2015.

MOREIRA, Sonia Virginia. Professora, doutora em Ciências da Comunicação, escritora e pesquisadora. Entrevista concedida em maio de 2015.